

Poesia

Claudio Willer¹

POESIA PICTÓRICA, VISUAL: SIMBOLOGIA DA ÁGUA

Quando a praia onde você está é sentida como real unicamente por trazer a
lembrança viva dos cheiros, claridade e ruídos da outra praia onde você
já esteve, muito tempo atrás
quando nada mais resta, a não ser a impressão de que viver foi inútil e de que
morrer é algo totalmente idiota,
filtrada por uma sensação do sublime, de estar com os pés no chão
ou então
quando ao retornar já de madrugada, deu-me a impressão de que se abria um
abismo, passagem para outro plano, no encontro das ruas Pernambuco,
Rio de Janeiro, Praça Villaboim, e isso foi igual a perceber que nada
mais fiz até hoje exceto seguir os rastros da minha própria morte,
quando a vida não passa de um pretexto: então, selecionar para publicação o
que for mais estranho, anguloso, geométrico mas fora de esquadro, e
que possa ser recitado em um tom de voz bem inocente, de quase
surpresa, simulando ser alguém que mal acredita no que está a dizer

OS POETAS PAULISTAS

o poema, só quando for impossível traduzir um estado interior de outro modo
algo inexprimível, assim como o cheiro de café expresso que tomava conta da
Praça Roosevelt a provocar um retorno a invernos de outras cidades
e para relatar como foi aquela encenação da Teogonia, do poema sobre os
mitos arcaicos, a vida e a morte, o fim e o recomeço como etapas do
mesmo ciclo luminoso
pois a Terra, aquela noite, era um bólido que atravessava acelerado o
universo e uma torrente de chuva
as gotas da noite na partitura dos minutos estampada no para brisas
a tempestade nos encerra no centro do planeta que tem a forma
de uma garagem subterrânea
e poemas são escritos assim, de madrugada
para dizer que nossos dentes são sensuais,
nossas mãos são tão leves
e quando nossos corpos se tocam
o vazio é perfeito
e o mar está em nós
e agora devo habituar-me a inesperadas proporções e novas simetrias de
estarmos juntos,
pois somos a extensão de um texto de frases entrecortadas
sobre o alvor fugidio, o clarão que nos separa do amanhecer de um dia
seguinte
quando o cheiro de outro corpo, o seu, me acompanhar e vier acrescentar-se
à minha biografia

A VERDADEIRA HISTÓRIA DO SÉCULO XX

Em certas horas de solidão e frio implacável em que tudo vacila, e que, parece, poucas épocas conheceram, em meio a uma lucidez tão gélida, confessaríamos para nós mesmos, de modo tão natural, que temos menos sede de verdade do que de revelação.

Julien Gracq

contemplação: estrela no fundo do mar

ocê: véu de gaze azulada roçando, suave apelo

furacão: róseo

perfeição: parábola de perfumes

lâmina: a mente alucinada

gruta: você e os arcanos da natureza

matemática do sonho: esta nuvem

gelo: explosão de relâmpagos

essa solidez, essa presença: capim ao vento

rápidos, passando à frente: lavanda

e também sombra de árvore

montanha: inteiramente nossa

intimidade sorridente: no calor da tarde

Íris: o nome da flor, o seio ao sol

- quanta coisa você fez que eu visse

o acaso nos transportava e podíamos ir a qualquer lugar

o mundo tinha janelas abertas

e tudo era primeira vez

gnose do redemoinho, foi o que soubemos

LÍRICAS

Nada deves temer do azul
André Breton

1

nós, os viventes sonhados
aqueles do horizonte abissal
a descobrir tanta coisa:
a cachoeira a esvair-se à beira do caminho
nosso tempo, com seu formato de bola incandescente
- olhá-lo é assustador

2

seus olhos de vertigem azul
e contemplação de precipícios
seus pés que deixam um rastro de perdas
sua voz aveludada, encontro de muitas vozes
amá-la foi amar um fantasma
precisava seguir à deriva
para encontrá-la como aparição
- de nossos encontros resultaram sonhos
pois a vida é extensa como uma revelação

e nunca foi tão fácil descrever os nítidos contornos de uma fascinação secreta
e íntima]

- o esplendor da umidade na ponta dos seus dedos será uma lembrança eterna

anotar todos os símbolos:

quando não existe mais nada, exceto o vazio perfeito,

então a palavra se impõe

ⁱ CLAUDIO WILLER (São Paulo, 1940) é poeta, ensaísta e tradutor, vinculado a uma poética transgressiva, representada pelo surrealismo e pela geração beat. Entre os livros de poemas se destacam *Poemas para leer em voz alta*, de 2007, com tradução de Eva Schnell, posfácio de Floriano Martins, da Editorial Andrómeda, na Costa Rica; *Estranhas Experiências*, Editora Lamparina, RJ, 2004 e *Jardins da Provocação*, Massao Ohno/Roswitha Kempf editores, 1981 (esgotado). Pela Iluminuras, 2004, *Volta*, poesia em prosa. Tese de doutorado defendida na USP, publicada pela Civilização Brasileira em 2010, com o título "Um obscuro encanto": gnose, gnosticismo e poesia". Autor também de coletâneas, entre elas *Escritos de Antonin Artaud*, LPM, 1983, com reedições e *Crônicas da Comuna*, coletânea sobre a Comuna de Paris, tradução; textos de Victor Hugo, Flaubert, Jules Vallés, Verlaine, Zola e outros, Editora Ensaio, 1992 (esgotada). Entre as traduções, com prefácio do autor, *Os Cantos de Maldoror* de Lautréamont, 1ª edição Editora Vertente, 1970, 2ª edição Max Limonad, 1986, tradução e prefácio (esgotado).